

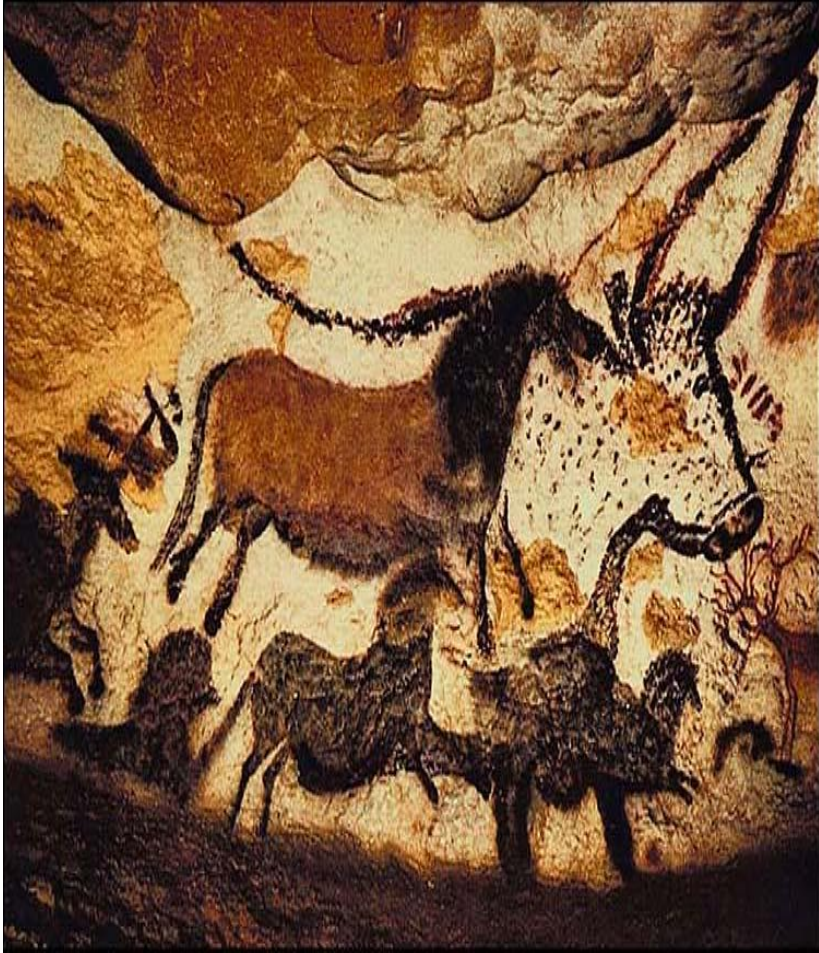
LITERATURA

INTRODUÇÃO

Antes de falar de Literatura, é importante lembrar que a História está dividida em cinco períodos; alguns consideram apenas quatro:

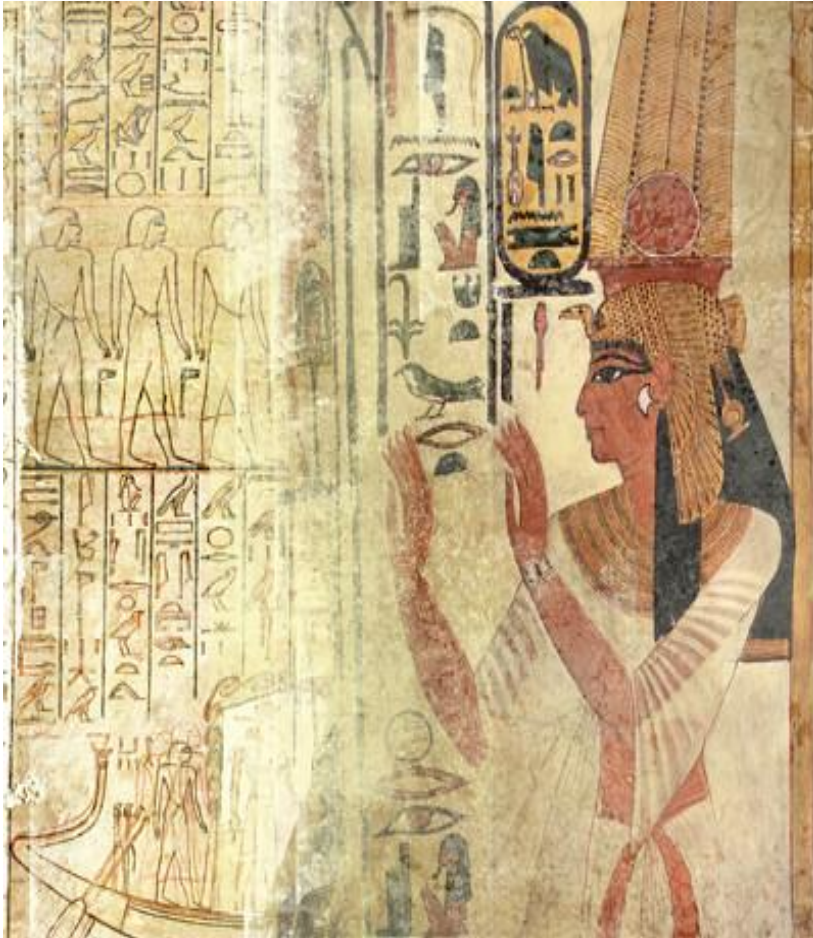
- **Pré-História ***
- **Idade Antiga**
- **Idade Média**
- **Idade Moderna**
- **Idade Contemporânea**

Pré-História



- Anterior à invenção da escrita;
- Homem aprende a viver em comunidade;
- Aprende a utilizar o fogo;
- Passa a domesticar animais;
- Inicia a produção de alimentos (agricultura).

Idade Antiga



**Período que compreende
4000 a.C a 476**

Destaques:

- ✓ a civilização egípcia,
- ✓ a civilização mesopotâmica,
- ✓ civilizações hebraica, fenícia e persa
- ✓ Grécia Antiga,
- ✓ Roma Antiga e o Império Romano.

Idade Antiga



O termo **Antiguidade Clássica** refere-se a um longo período da História da Europa que se estende aproximadamente do século VIII a.C., com o surgimento da poesia grega de Homero, à queda do Império romano do ocidente no século V d.C.

Idade Média

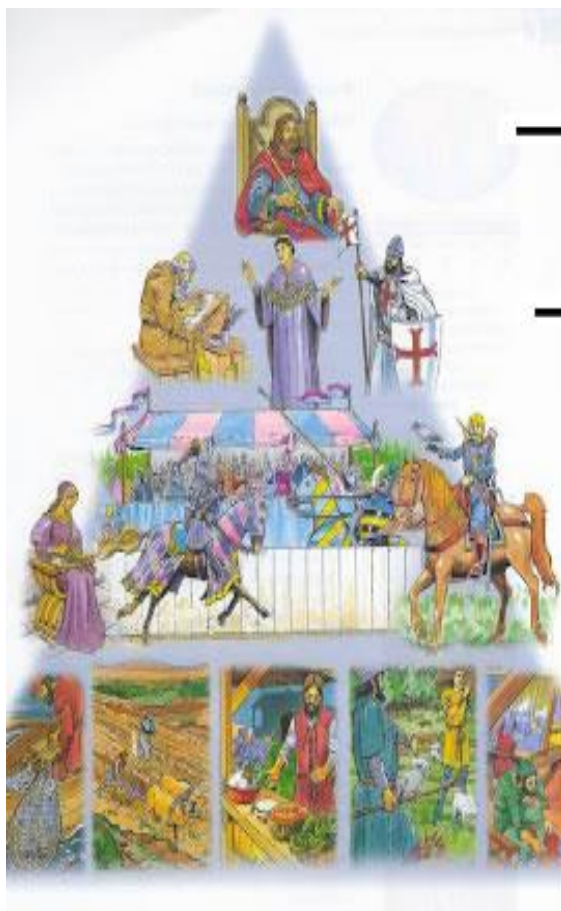


- Este período teve início em 476, com a queda do Império Romano e foi até 1453. (Queda de Constantinopla).

Destaques:

- religião por meio da Igreja Católica,
- Feudalismo.

FEUDALISMO



O Rei
"O suserano dos suseranos"

Alta Nobreza: senhores feudais:
(duques e condes)
e o Alto Clero
(arcebispos e cardeais)

Cavaleiros, bispos e monges

Camponeses, servos de gleba
e soldados

Idade Moderna



Grandes Navegações;

A busca pelo
conhecimento;

Antropocentrismo.

Idade Moderna



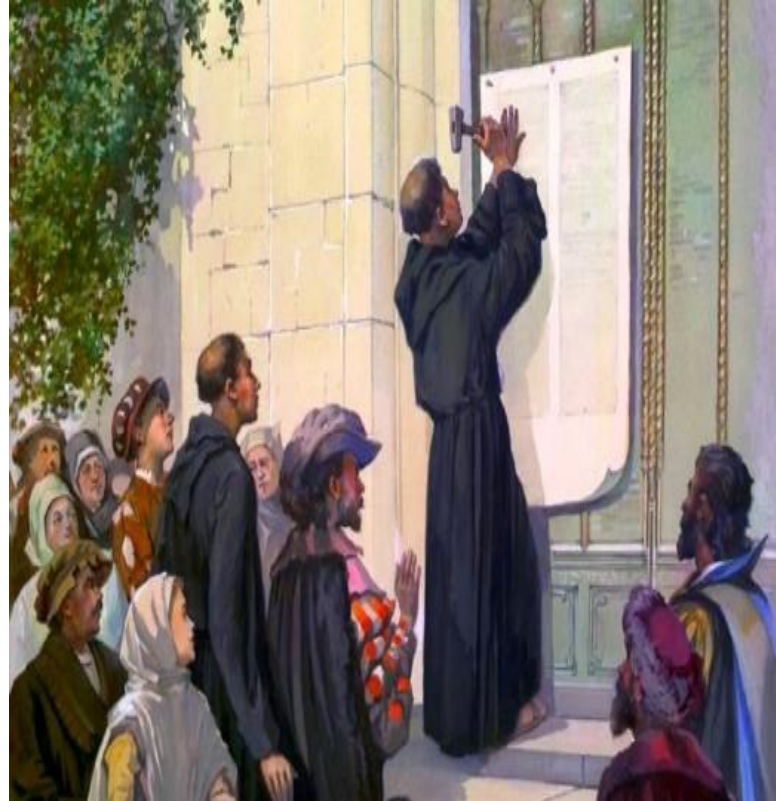
Rousseau



Locke



Hobbes



Idade Contemporânea

REVOLUÇÃO FRANCESA



"Liberdade, Igualdade, Fraternidade"

O Século das Luzes



Idade Contemporânea



Idade Contemporânea



Consolidação do capitalismo;

Disputa entre as grandes potências;

Evolução científica.

O que é Literatura

"A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada por meio do espírito do artista e, com a língua, transmitida para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade (...)."

(Afrânio Coutinho)

Linguagem denotativa e conotativa

“Chega mais perto e contempla as palavras. Cada tem mil faces secretas sob a face neutra.” (Carlos Drummond de Andrade).

Nos textos literários nem sempre a linguagem apresenta um único **sentido**. Empregada em alguns contextos, ela ganha novos sentidos, figurados, carregados de valores afetivos ou sociais. Quando a palavra é utilizada com seu sentido **comum**, dizemos que foi empregada **denotativamente**. Quando é utilizada com um sentido **diferente** daquele que lhe é comum, dizemos que foi empregada **conotativamente**.

Esse recurso é muito explorado na Literatura. A linguagem **conotativa** não é exclusiva da literatura, ela é empregada em letras de música, anúncios publicitários, conversas do dia a dia, etc.

Prosa e verso

A obra literária pode apresentar-se sob a forma de:

PROSA (em frases, orações, períodos e parágrafos) e,

VERSOS (em estrofes, versos, emprego da rima, do ritmo etc.).

Texto em prosa

A literatura apresenta muitos textos em **prosa** dos gêneros: romance, conto, crônica, novela. Nessas narrativas, podemos dizer que há sempre alguém (um narrador) que conta algo (um acontecimento) a alguém (um leitor).

Nesses textos, o autor utiliza bastante o universo ficcional (o mundo por ele criado) com base em fatos reais ou saídos de sua imaginação. Para isso, ele cria uma espécie de intermediário entre o leitor e a ficção: o **narrador**.

Exemplos: Memórias Póstumas de Brás Cubas;

Dom Casmurro;

Senhora.

Texto em versos

O poema é uma expressão **em versos, ritmo, musicalidade**.
Refere-se à forma.

“Os poemas são pássaros que chegam não se sabe de onde e pousam no livro que lê. Quando fecha o livro, eles alçam voo como de um alçapão. Eles não têm pouso nem porto; alimentam-se um instante em cada par de mãos e partem. E olhas, então essas tuas mãos vazias, no maravilhoso espanto de saberes que o alimento deles já estava em ti...”

Mário Quintana.

Verso

Unidade rítmica e melódica do poema. Graficamente, é cada uma das linhas do poema. Pode ser **metrificado**, quando o poeta estabelece uma medida em número de sílabas. Pode também ser chamado de verso livre, quando a medida é totalmente arbitrária, não seguindo a padrões.

Exemplo (**escansão**):

¹Quan / ² do a / ³chu / va / ce / ssa / va e um / ven / to / fi / (no)
fran / zi / a a / tar / de / tí / mi / da e / la / **va** / (da)

Repare que só se conta até a **última sílaba tônica**.

Tipos de versos

Os versos podem ser:

Pares

Alexandrino: 12 sílabas.

Decassílabo: 10 sílabas.

Octossílabo: 08 sílabas.

Ímpares

Pentassílabo (ou **redondilha menor**): 5 sílabas.

Heptassílabo (ou **redondilha maior**): 7 sílabas.

Eneassílabo: 9 sílabas.

Ritmo

O texto em versos apresenta distribuição das sílabas átonas e tônicas, de modo que estas se repitam a intervalos regulares ou a espaços sensíveis quanto à duração e acentuação.

Por exemplo:

Cavaleiro | das armas **escuras**
Onde vais | pelas trevas **impuras.** } **rima pobre**

(Álvares de Azevedo)

Estrofe

Cada **conjunto de versos**, com unidade de sentido e/ou ritmo em que se divide o poema.

As estrofes podem ser **regulares** (quando apresentam a mesma estrutura), **combinadas** (de estrutura alternadas) ou **livres** (de estrutura arbitrária).

Conforme possua dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove ou dez versos, a estrofe chama-se dístico, **terceto**, **quarteto**, quinteto, **sextilha**, sétima, oitava, nona, décima.

Existem algumas formas fixas, isto é, consagradas pela tradição, como o **soneto**.

Soneto

Composição poética em **quatorze versos**, divididos em quatro estrofes, as duas primeiras de quatro versos e as duas últimas de dois versos.

Soneto: compõe-se de dois **quartetos** e dois **tercetos**.

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim co'a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como matéria simples busca a forma.



(Luís de Camões)

ERA CLASSICA

Renascimento	Barroco	Neoclassicismo
Século XVI	Séculos XVII/XVIII	Século XVIII
• Sá de Miranda • Camões	• Cultismo • Conceptismo • Pe. Antônio Vieira	• Arcádia Lusitana • Nova Arcádia • Bocage

• Descobrimento • Literatura informativa • Literatura catequética • José de Anchieta	• Bahia • Gregório de Matos	• Minas Gerais • Cláudio Manuel da Costa • Tomás Antônio Gonzaga • Basílio da Gama • Santa Rita Durão
---	--	---

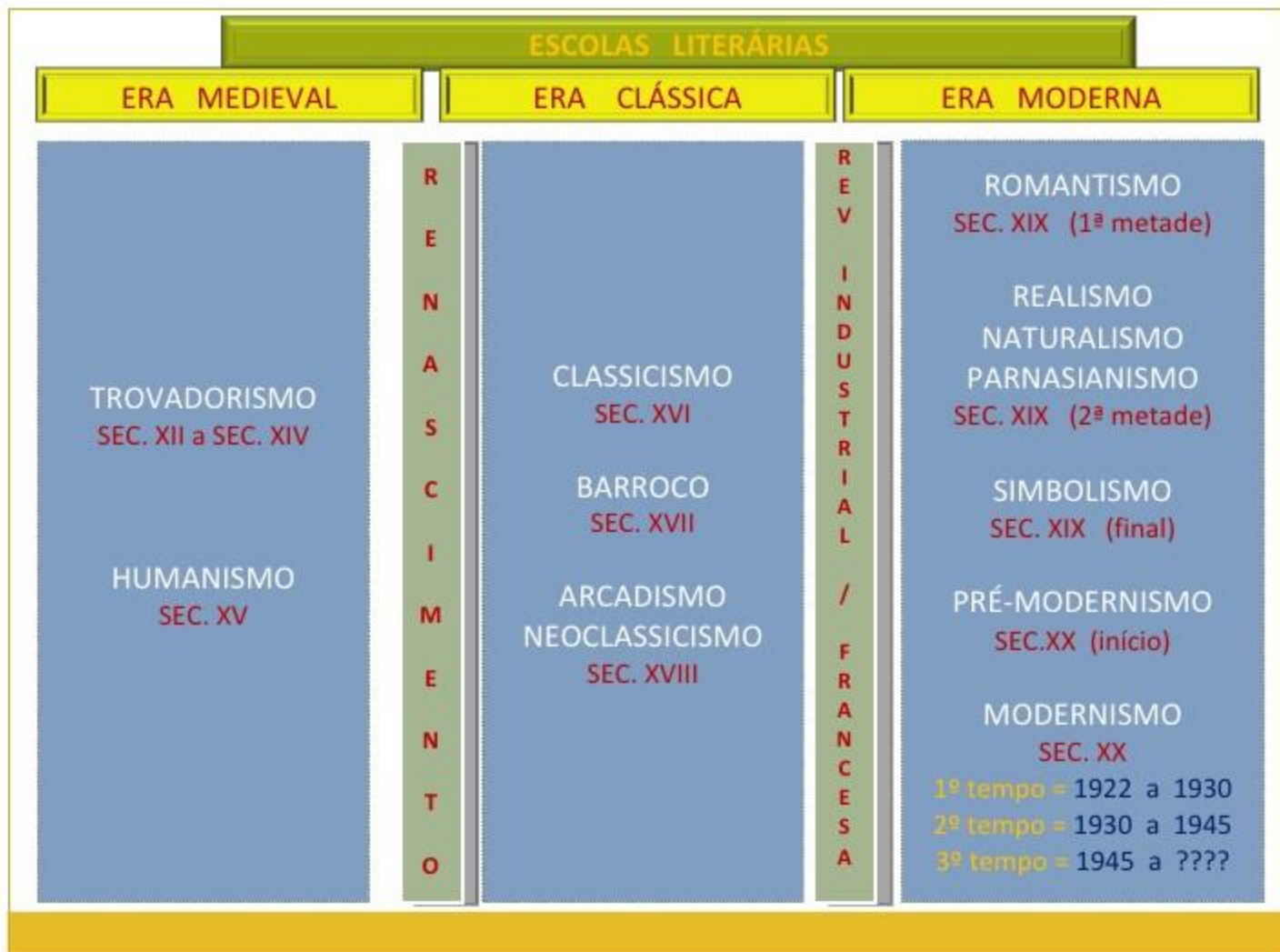
Século XVI	Séculos XVII/XVIII	Século XVIII
Quinhentismo	Barroco	Neoclassicismo

ERA ROMANTICA

Romantismo	Realismo Naturalismo	Simbolismo
Século XIX	Século XIX	Século XIX
• Almeida Garrett • Alexandre Herculano • Camilo Castelo Branco • Júlio Dinis	• Questão Coimbrã • Antero de Quental • Eça de Queirós	• Eugênio de Castro • Antônio Nobre • Camilo Pessanha

• Independência • Gonçalves Dias • Álvares de Azevedo • Castro Alves • Joaquim Manuel de Macedo • José de Alencar	• Machado de Assis • Aluísio Azevedo • Parnasianismo • Raul Pompéia	• Cruz e Sousa • Alphonsus de Guimaraens
--	--	---

Século XIX	Século XIX	Século XIX
Romantismo	Realismo Naturalismo	Simbolismo



TROVADORISMO

Período Medieval

As primeiras produções literárias portuguesas foram escritas em **galego-português**, o que se explica em razão da integração linguística e cultural existente entre Portugal e Galiza. Essas primeiras produções literárias constituem a primeira época medieval denominada **Trovadorismo**.

A obra que marca o início do Trovadorismo é a **Cantiga da Ribeirinha**. Foi composta por **Paio Soares de Taveirós (1189 ou 1198)**, e recebeu esse nome por ter sido dedicada a D. Maria Pais Ribeira, apelidada de "**Ribeirinha**".

TROVADORISMO

Poucas pessoas sabiam ler ou escrever, o que privilegiava a difusão da poesia, que era **memorizada e transmitida oralmente**.

Os poemas eram **cantados** e acompanhados de música e dança, sendo assim denominados **cantigas**.



CANTIGAS

As cantigas são divididas em:

<u>Líricas:</u> de amor	{	eu-lírico masculino
de amigo		eu-lírico feminino

<u>Satíricas:</u> de escárnio	{	crítica indireta
de maldizer		crítica direta

Cantiga de amor

Cantiga da Ribeirinha

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vai,
ca ja moiro por vós - e ai!
mia senhor branca e vermelha,
Queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia!
Mao dia me levantei,
que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di', ai!
me foi a mi muin mal,
e vós, filha de don Paaí
Moniz, e ben vos semelha
d'haver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
Nunca de vós ouve nem ei
valía d'ũa correa.

No mundo ninguém se assemelha a mim
enquanto a vida continuar como vai,
porque morro por vós, e ai!
minha senhora alva de pele rosadas,
quereis que vos retrate
quando eu vos vi sem manto.
Maldito dia que me levantei
E não vos vi feia

E minha senhora, desde aquele dia, ai!
tudo me foi muito mal
e vós, filha de Don Paio
Moniz, e bem vos parece
de ter eu por vós guarvaia
pois eu, minha senhora, como presente
Nunca de vós recebera algo
Mesmo que de ínfimo valor.

Cantiga de amigo

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
E ai Deus, se verrá cedo!
Se vistes meu amado,
por que hei gran cuidado!
E ai Deus, se verrá cedo!

(Martin Codax)

Cantiga de escárnio

Ai dona fea, fostes-vos queixar
que vos nunca louv'en[o] meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei todavia;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus mi perdom,
pois havedes [a]tam gram coraçom
que vos eu loe, em esta razom
vos quero já loar todavia;
e vedes qual será a loaçom:
dona fea, velha e sandia! (...)

João Garcia de

Guilhade

Cantiga de maldizer

Maria Pérez se maenfestou
noutro dia, ca por [mui] pecador
se sentiu, e log'a Nostro Senhor
pormeteu, polo mal em que andou,
que tevess'um clérig'a seu poder,
polos pecados que lhi faz fazer
o Demo, com que x'ela
sempr'andou.

Maenfestou-se ca diz que s'achou
pecador muit', e por en rogador
foi log'a Deus, ca teve por melhor
de guardar a El ca o que a guardou;
e mentre viva, diz que quer teer
um clérigo com que se defender
possa do Demo, que sempre
guardou. (...)

Fernão Velho

Novelas de cavalaria

As **novelas de cavalaria** correspondem a um gênero literário que vigorou durante o período da Idade Média, durante o Trovadorismo e o Humanismo. Retrata feitos heroicos de cavaleiros.

Veja alguns filmes:

- Rei Arthur,
- Cruzada,
- Excalibur,
- O nome da Rosa,
- Robin Hood,
- Lancelot, o primeiro cavaleiro.



HUMANISMO

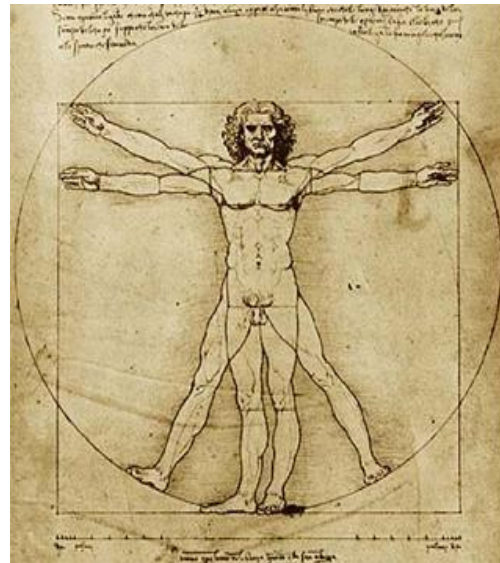
Foi uma época de transição entre a **Idade Média e o Renascimento**.

Como o próprio nome já diz, o ser humano passou a ser valorizado.

Foi nessa época que surgiu uma nova classe social: **a burguesia**.

As **Grandes Navegações** despertaram o conhecimento humano. Surge uma nova maneira de pensar.

O “status” **econômico** passa a ser valorizado e não mais **os títulos da nobreza**.



TEOCENTRISMO
X
ANTROPOCENTRISMO

HUMANISMO

Manifestações artísticas:

- Teatro – Gil Vicente.
- Prosa – Fernão Lopes.
- Poesia – “Cancioneiro Geral”.
- Gil Vicente foi o nome que mais se destacou no teatro. Ele escreveu mais de 40 peças entre autos e farsas.
- **Autos**: peças teatrais cujo assunto principal é a religião.

“Auto da alma” e “Trilogia das barcas” são alguns exemplos.
- **Farsas**: peças cômicas curtas. **Enredo** baseado no cotidiano.

“**Farsa de Inês Pereira**”, “Farsa do velho da horta”, “Quem tem farelos?” são alguns exemplos.

QUINHENTISMO

O Quinhentismo designa a primeira manifestação literária no Brasil, também chamada de "**Literatura de Informação**".

- **Características:**
- Crônicas de Viagens,
- Textos descritivos e informativos,
- Conquista material e espiritual,
- Linguagem simples
- Utilização de adjetivos.



CLASSICISMO

O **Classicismo** é o movimento que marca o fim da Idade Média e início da Idade Moderna. É uma referência a uma de suas principais características: retorno aos modelos clássicos (greco-romano).

Sua grande obra é chamada de "Os Lusíadas" (1572), uma epopeia classicista donde narra a viagem de Vasco da Gama às Índias, escrita em 10 cantos, composta de 8816 versos decassílabos em oitava rima distribuídos em 1120 estrofes.

CLASSICISMO

- Antropocentrismo
- Humanismo
- Universalismo
- Racionalismo
- Cientificismo
- Paganismo
- Objetividade
- Equilíbrio
- Harmonia
- Rigor Formal
- Mitologia Greco-Romana
- Ideal Platônico e de Beleza.



“Os Lusíadas”

Eixo narrativo: Viagem de Vasco da Gama às Índias.

A esse eixo narrativo, ligam-se várias narrativas secundárias.



Inês de Castro

O episódio de Inês de Castro aparece no Canto III e traz à tona a história de amor entre Inês e o príncipe Pedro. Ao saber da existência de tal envolvimento, o rei Dom Afonso manda executar a jovem.



Velho do Restelo

Tal episódio encontra-se no Canto IV e nele, é vista uma certa mentalidade feudal, oposta ao expansionismo e às navegações, já que essas demonstravam os interesses da burguesia. O velho representa certo pessimismo.



Gigante Adamastor

O Gigante Adamastor aparece no Canto V, quando Vasco da Gama e sua tripulação se dirigem ao Cabo das Tormentas, ou Cabo da Boa Esperança, personificado pela figura de Adamastor, gigante da mitologia grega.



CLASSICISMO

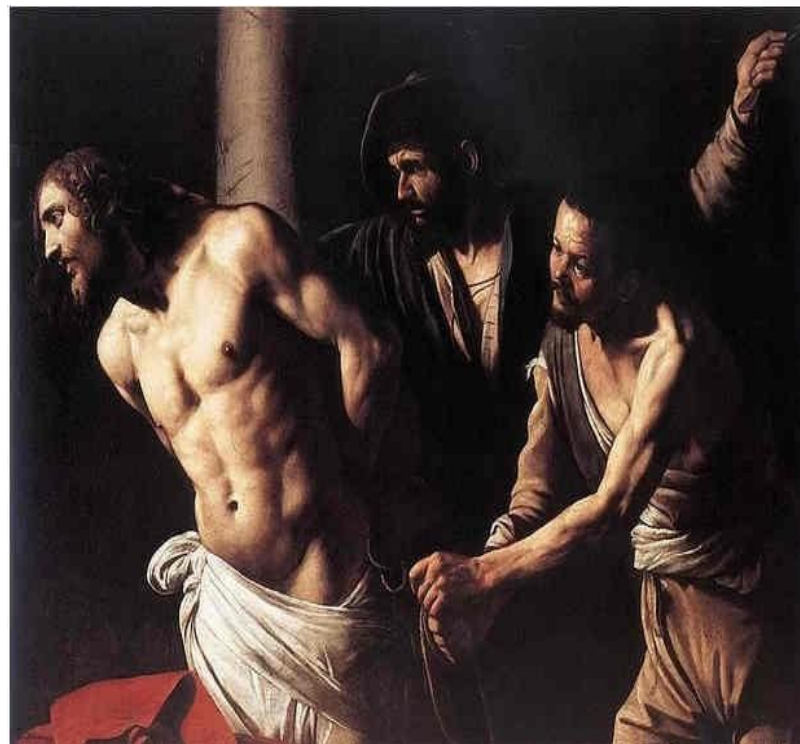
“Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer”.
(...)



BARROCO

O Barroco foi um período do século XVI marcado pela crise dos valores renascentistas, gerando uma nova visão de mundo por meio de lutas religiosas e dualismos entre espírito e razão.

O homem se vê dividido entre duas forças opostas: o antropocentrismo e o teocentrismo; o embate entre a fé e a razão, entre espiritualismo e materialismo



BARROCO

Destaque para Gregório de Matos (**Boca do Inferno**).

Ele também se dedicou à lírica filosófica, explorando temas como o **CARPE DIEM**, lema latino cuja tradução seria “aproveite o dia”.

“Goza, goza da flor da
mocidade,
Que o tempo trata, a toda a
ligeireza
E imprime em toda flor sua
pisada”.

Obra de Aleijadinho (1730-1814).



ARCADISMO

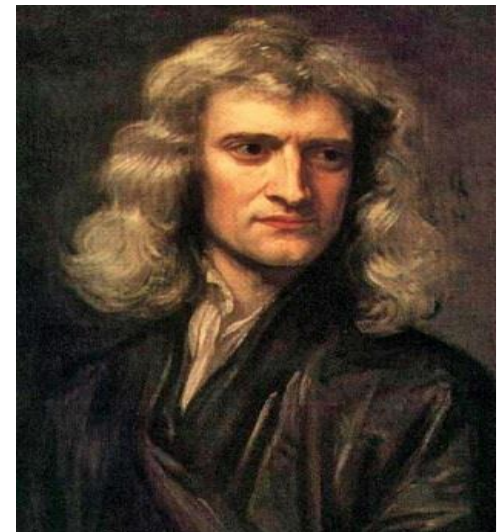
Conhecido também como **Neoclassicismo**, surgiu em 1756 com a fundação da **Arcádia Lusitana**: movimento de reação ao Barroco. Procurava restabelecer o equilíbrio, a harmonia e a simplicidade da literatura renascentista, rompida pelo período da contrarreforma protestante. O poeta árcade baseia-se nos preceitos do **Iluminismo** (Século das luzes), movimento filosófico de bases racionalistas e antirreligiosas).



ARCADISMO

Além da Contrarreforma e do fervor religioso do século XVII, importantes conquistas do pensamento ocidental se deram naquela época; uma das mais relevantes foi **Princípios matemáticos da filosofia natural** pelo estudioso **Isaac Newton**.

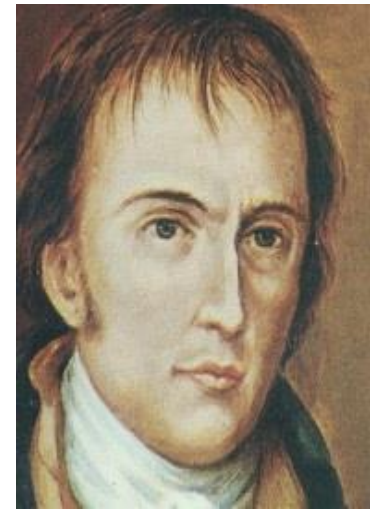
Ele demonstrou que o mundo concreto segue um ordem lógica e que o homem é capaz de desvendar mistérios da natureza por meio de raciocínios lógicos, colocando **em xeque o pensamento radical religioso**.



ARCADISMO

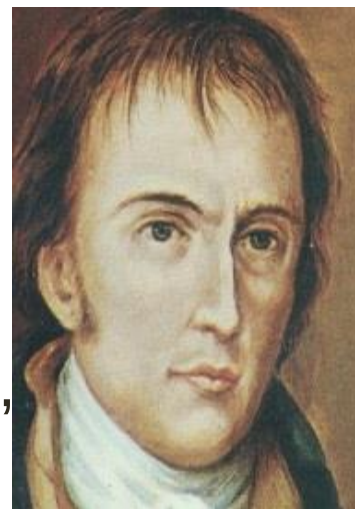
- a) **poético**: com o retorno à tradição clássica com a utilização dos seus modelos e a valorização da natureza e da mitologia.
- b) **ideológico**: influenciado pela filosofia presente no Iluminismo, que traduz a crítica da burguesia culta aos abusos da nobreza e do clero.
- **Bucolismo/Pastoralismo**: a poesia árcade retrata uma natureza tranquila e serena, procurando o “*Lócus Amoenus*”, um refúgio calmo que se contrastava com os centros urbanos monárquicos. O burguês culto buscava na natureza o oposto da aristocracia.

O maior representante da poesia árcade portuguesa foi **Bocage**. Ele foi considerado um dos mais importantes poetas e sonetistas portugueses do século XVIII. Junto aos poetas Camões e Antero de Quental, Bocage forma o trio dos maiores sonetistas líricos da literatura portuguesa. Seu codinome pastoril era Elmano Saldino (Elmano, de Manuel, seu primeiro nome e Sadino, de Sado, nome do rio que corta sua cidade natal (Setúbal)



BOCAGE

Vem, oh Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo.
Deixa louvar da corte a vã grandeza;
Quanto me agrada mais estar contigo,
Notando as perfeições da Natureza



O poeta propõe, em linguagem clara, que se aproveite o presente de forma simples junto à natureza.

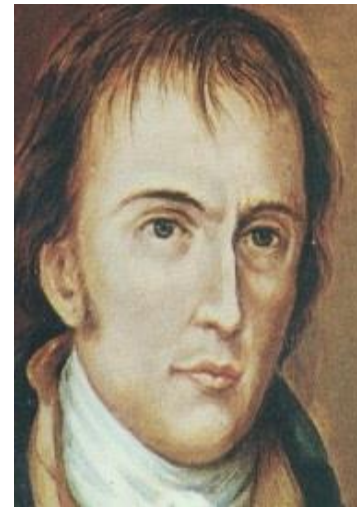
Soneto do Prazer Maior por Bocage

Amar dentro do peito uma donzela;
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,
Depois da meia-noite na janela:

Fazê-la vir abaixo, e com cautela
Sentir abrir a porta, que murmura;
Entrar pé ante pé, e com ternura
Apertá-la nos braços casta e bela:

Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,
E a boca, com prazer o mais jucundo,
Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos:

Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos;
É este o maior gosto que há no mundo.



BOCAGE

A poesia de **Bocage** é marcada pelo **erotismo** e pela **sátira** de caráter social. Também se destacam em sua obra duas vertentes líricas: a **luminosa e etérea** (em que o poeta se entrega inebriado à evocação da beleza das suas amadas) e a **noturna e pessimista** (que manifesta a dor incomensurável provocada pela indiferença, ingratidão e tirania de suas musas). Essas assimetrias refletem uma personalidade complexa e multifacetada do autor, além do evidente jogo de contrários.

Cartas Chilenas é uma obra escrita pelo poeta árcade **Tomás Antônio Gonzaga** (1744-1810). Trata-se de uma das obras satíricas mais emblemáticas desse período.

Ela é composta por diversos poemas que ficaram conhecidos na cidade de Vila Rica (atual Ouro Preto), Minas Gerais, no contexto da Inconfidência Mineira.

A obra recebe esse nome pois Critilo (pseudônimo do escritor) é morador da cidade de Santiago no Chile, que na verdade é Vila Rica, em Minas Gerais.

A obra é composta de 13 cartas, as *Cartas Chilenas*

Ele escreve para seu amigo Doroteu, que na realidade é o escritor árcade Cláudio Manuel da Costa.

Cartas Chilenas

*Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa, das pestanas carregadas,
O pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha
Acorda, se ouvir queres coisas raras.
(...)*

*Ah! pobre Chile, que desgraça esperas!
Quanto melhor te fora se sentisses
As pragas, que no Egito se choraram,
Do que veres que sobe ao teu governo
Carrancudo casquilho, a quem rodeiam
Os néscios, os marotos e os peraltas!
Seguido, pois, dos grandes entra o chefe
No nosso Santiago junto à noite.
A casa me recolho e cheio destas
Tristíssimas imagens, no discurso,
Mil coisas feias, sem querer, revolvo.(...)*



Tomás Antônio Gonzaga

Marília de Dirceu

*Enquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive, nos descobre
A sábia natureza.*



Cláudio Manuel da Costa

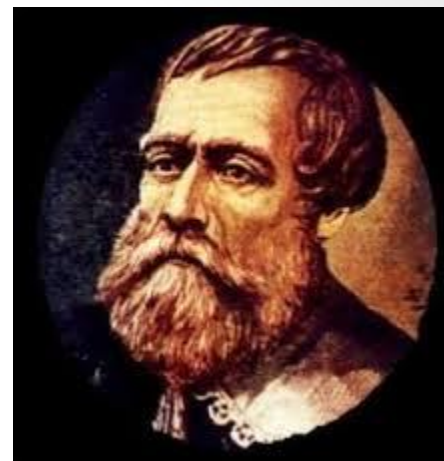
Os escritores árcades adotavam pseudônimos e o de Cláudio Manuel da Costa era Glauceste Satúrnio, um pastor que amava sua musa, Nise.

“Sou Pastor; não te nego; os meus montados
São esses, que aí vês; vivo contente
Ao trazer entre a relva florescente
A doce companhia dos meus gados;

Ali me ouvem os troncos namorados,
Em que se transformou a antiga gente;
Qualquer deles o seu estrago sente;
Como eu sinto também os meus cuidados. (...)



José de Santa Rita Durão (1722-1784)



Autor do poema épico Caramuru (1781), Freire Santa Rita Durão foi poeta e orador, considerado um dos precursores do **indianismo** no Brasil.

Influenciado por Camões, o poema Caramuru, com subtítulo “**Poema épico do Descobrimento da Bahia**”, é baseado no modelo da epopeia tradicional: proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo. É composto de dez cantos e versos decassílabos em oitava rima.

O texto conta a história de um português, o Caramuru, que após ter naufragado em terras brasileiras, começa a viver com os índios Tupinambás.

O contato de artistas portugueses com o Romantismo inglês e francês favoreceu então o surgimento de obras inovadoras como **Camões**, de **Almeida Garrett**. Considerada o marco introdutório do Romantismo em Portugal, essa obra foi publicada em **Paris, em 1825**, quando o autor se encontrava exilado naquela cidade.

A obra apesar de considerada a primeira produção do Romantismo Português é fortemente marcada com traços da **tradição clássica, como formalismo, vocabulário culto, racionalismo, contenção de emoções**. A inovação pela qual ela é responsável consiste muito mais na abordagem do tema – a vida de **Camões**, suas aventuras e seu sofrimento – do que na renovação da linguagem.

A obra ***Suspiros Poéticos e Saudades***, publicada em 1836, foi considerada a **obra inaugural do Romantismo no Brasil**. **Gonçalves de Magalhães** procurou criar e consolidar uma literatura nacional para o país. É dividida em duas partes: "**suspiros poéticos**" e "**saudades**".

A primeira parte é constituída de **43 poemas sobre os mais diversos temas, tais como a própria poesia, o cristianismo, a mocidade, a fantasia, ou ainda diversas impressões sobre lugares, fatos e figuras da história**. Em grande parte dos poemas há indicações de onde foram escritos, fazendo com que possamos relacionar a partir daí os **diversos países** nos quais o **poeta esteve**: Brasil, Bélgica, Suíça, França, Itália. É uma espécie de literatura poética de viagens, que, na época, deve ter fascinado muito aos jovens brasileiros.

ROMANTISMO

Entende-se por **Romantismo** um amplo movimento cultural surgido na Alemanha do século XVIII. Em 1774, **Goethe** publica *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, que conta a história de um jovem que se apaixona pela noiva de seu melhor amigo. Como não pode realizar esse amor, a vida torna-se insustentável, levando o personagem ao suicídio.

A obra teve grande repercussão na Europa e foi acusada de influenciar outros jovens a buscarem o mesmo fim trágico de Werther. Com isso, Goethe apresenta a **ideia central do Romantismo**: a de que **a força mais poderosa da vida é o sentimento, e não a razão.**

ROMANTISMO

Características:

- Liberdade de criação,
- Sentimentalismo,
- Supervalorização do amor,
- Idealização da mulher,
- Mal-do-século,
- Evasão no tempo e no espaço (volta ao passado),
- Individualismo



ROMANTISMO NO BRASIL

1ª Geração - fase nacionalista

*“Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais”
(...)*

*“Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá” (...)*

2ª Geração – fase ultrarromântica

- (...) *Morro, morro por ti! na minha aurora
A dor do coração, a dor mais forte,
A dor de um desengano me devora...*
- *Sem que última esperança me conforte,
Eu - que outrora vivia! - eu sinto agora
Morte no coração, nos olhos morte!*

ROMANTISMO NO BRASIL

3ª Geração – fase social

*“Já falta bem pouco. Sacode a
cadeia
Que chamam riquezas...que
nódoas te são!
Não manches a folha de tua
epopeia
No sangue o escravo, no imundo
balcão” (...)*

Castro Alves

*“O seio virginal, que a mão
recata,
Embalde o prende a
mão...cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento...Além
na rua
Preludia um violão na
serenata!....
...Furtivos passos morrem no
lajedo...
Resvala a escada do balcão
discreta...
Matam os lábios os beijos em
segredo..” (...) Castro Alves*

José de Alencar



Romances Indianistas

Ubirajara

A ação se passa em um período anterior à chegada do portugueses. – registro de costumes indígenas e criação do herói nacional.

O Guarani

Índio Peri – nobre guerreiro, herói valente.

D. Antônio de Mariz – um dos fundadores do Rio de Janeiro.

Iracema

Martim Soares Moreno – militar fundador do Ceará.

Moacir – filho de Iracema e Martim – primeiro brasileiro.

José de Alencar



Romances Regionalistas

O Sertanejo

Retrata o Nordeste.

O gaúcho

Retrata o Sul.

Til

Retrata o interior de São Paulo.

O tronco do ipê

Retrata o interior do Rio de Janeiro.

Os romances regionalistas de Alencar refletem seu esforço de abordar diferentes ambientações brasileiras, a pluralidade da terra e os costumes de cada região.



José de Alencar



Romances Urbanos

Cinco Minutos

Intriga amorosa domina o enredo.

Lucíola

Enredo mais ousado, tendo como protagonista uma prostituta.

Senhora

Aurélia, moça simples que se enriquece e oferece dote a Fernando Seixas, que a abandonou em seu tempo de pobreza.

Manuel Antônio de Almeida



A moreninha.

Romance protagonizado por Carolina, primeira personagem **morena**, opondo-se aos **modelos europeus**. Era publicado por meio dos **folhetins**.

Uma importante obra para discutir o comportamento da sociedade que se formava.

Memórias de um sargento de milícias.

Obra com humor popular e ironia.

As personagens são pessoas intermediárias (não são da nobreza nem escravos).

Personagem principal: **Leonardinho** (um malandro com talento) – oposição ao símbolo do herói romântico .

ROMANTISMO PORTUGUÊS



- Almeida Garret foi o introdutor.
- Obra: “Viagens da minha terra”
- A obra apresenta digressões e leitor incluso

Apresenta uma linguagem descontraída, coloquial e irônica. Trata-se do relato de uma viagem feita pelo autor de Lisboa até Santarém, na qual vai tecendo comentários sobre Filosofia, Literatura, Economia, Folclore e História.

ROMANTISMO PORTUGUÊS



Camilo Castelo Branco

Primeiro autor do
nosso idioma a fazer
da Literatura sua
forma de sustento.

O gênero que o
consagrou foi a novela
passional, sendo “Amor
de perdição” a obra mais
lembrada.

Mistura de ficção e
realidade,
Obstáculos do amor,
Amor platônico,
Desfecho trágico.

REALISMO

A segunda metade do século XIX foi marcada por um período de profundas **mudanças no modo de pensar** e agir das pessoas.

As contradições sociais começaram a aparecer em decorrência da **Revolução Industrial**, e todos esses fatores influenciaram as artes de um modo geral, sobretudo a literatura.



REALISMO

Cientificismo: a ciência explica o mundo.

Evolucionismo:

Charles Darwin

(A origem das espécies)
seleção natural /resistir.

Determinismo:

Hippolyte Taine

O meio ambiente, a raça e o momento histórico influenciam o homem.

Positivismo:

Auguste Comte

Explicação da evolução humana em três estágios: teológico, metafísico e positivo.

Socialismo:

Karl Marx

Sociedade dividida entre opressores e oprimidos (economia).

Realismo – Naturalismo em Portugal

Eça de Queirós



O crime do Padre Amaro;

O Primo Basílio;

As cidades e as serras.

entre outras obras.

REALISMO

No Brasil, o marco inicial foi a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas, escrito por **Machado de Assis**.



Características do autor

Digressões (rompimento cronológico),
Crítica social,
Diálogo com o leitor,
Intertextualidade,
Paródias,
Metalinguagem.

Machado de Assis

Considerado um dos maiores senão o maior nome da literatura do Brasil.

Obras:

Memórias Póstumas de Brás Cubas;

O alienista;

Quincas Borba;

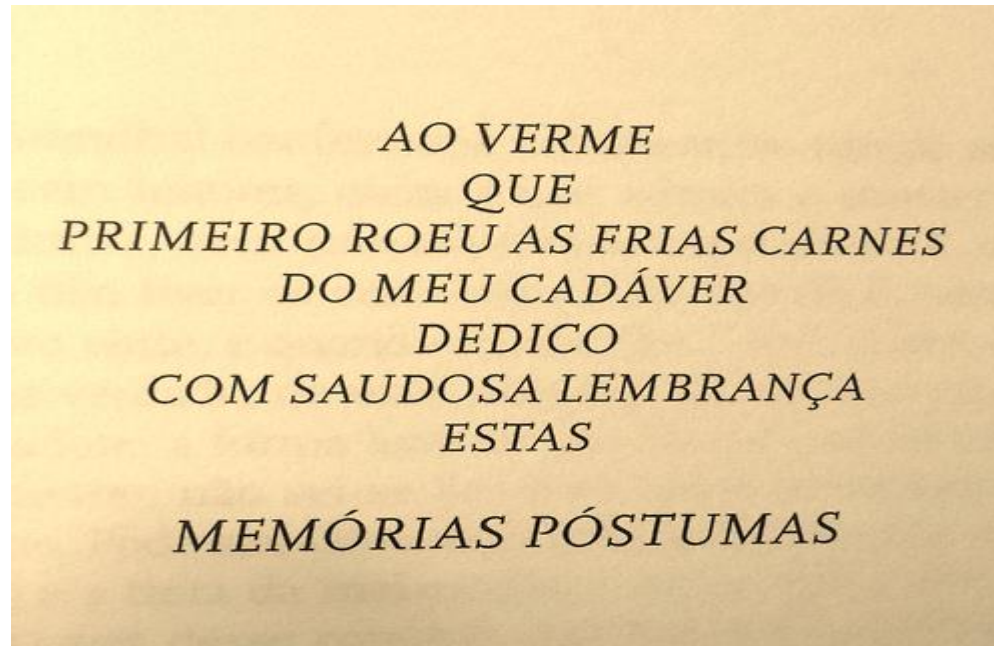
Dom Casmurro;

entre outras

Características gerais do Realismo

- Oposição aos ideais românticos
- Retrato fidedigno da realidade
- Objetivismo e materialismo
- Universalismo e cientificismo
- Veracidade e contemporaneidade
- Linguagem culta, descritiva e detalhada
- Temas urbanos, sociais e cotidianos
- Preocupação com o presente
- Crítica aos valores burgueses
- Crítica as instituições sociais e a igreja católica
- Denúncia social (miséria, hipocrisia, exploração, corrupção, etc.)
- Investigação do comportamento humano
- Personagens comuns e não idealizados
- Aprofundamento psicológico das personagens
- Romances de caráter documental

No Brasil, o Realismo tem início com a publicação da obra de Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881).



Em Portugal, o Realismo tem como marco inicial a Questão Coimbrã. Ela representou uma nova forma de fazer literatura, trazendo à tona aspectos de renovação literária aliada às ideias que surgiram na época em torno de questões científicas.

REALISMO X NATURALISMO

Realismo psicológico:

- Análise psicológica
- Elegância de estilo
- Personagens psicologicamente complexas.

Realismo naturalista:

- Escritor – Cientista
- Estética do feio
- Zoomorfismo
- Cenas de sexo
- Patologias sociais
- Personagens psicologicamente simples.

NATURALISMO

Este movimento foi uma radicalização e extensão do Realismo.

Recebe influências do **cientificismo e positivismo**, tendo como referência o filósofo Auguste Comte.

O pensamento de Comte tinha forte aspecto **empirista**, por levar em conta apenas os fenômenos observáveis e considerar anticientíficos os estudos dos processos mentais do observador.



NATURALISMO

Os escritores brasileiros abordaram a realidade social brasileira, destacando a vida nos cortiços, o preconceito, a diferenciação social, entre outros temas.

O principal representante do naturalismo na literatura brasileira foi Aluísio de Azevedo. Suas principais obras foram: *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*.

Características

- O mundo pode ser explicado através das forças da natureza;
- O ser humano está condicionado às suas características biológicas (hereditariedade) e ao meio social em que vive;
- Forte influência do evolucionismo de Charles Darwin.
- Linguagem coloquial.

PARNASIANISMO

Formas poéticas tradicionais: com esquema métrico rígido, rima, soneto.

Purismo e preciosismo vocabular, com predomínios de termos eruditos, raros, visando à máxima precisão, e de construções sintáticas refinadas.

Escolha de palavras no dicionário para escrever o poema com palavras difíceis.

O esteticismo, a depuração formal, o ideal da “**arte pela arte**”.

Tendência descritivista, buscando o máximo de objetividade na elaboração do poema, assim separando o sujeito criador do objeto criado.

Postura antirromântica, baseada no binômio objetividade temática/culto da forma.

Destaque ao erotismo e à sensualidade feminina.

Referências à mitologia greco-latina.

PARNASIANISMO

Olavo Bilac – um dos seus representantes.

Em conjunto com Raimundo Correia e Alberto de Oliveira forma a tríade Parnasiana brasileira.



PARNASIANISMO

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor.
Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro. (...)

Olavo Bilac

SIMBOLISMO

Movimento literário da poesia e das outras artes que surgiu na França, no final do século XIX, como oposição ao Realismo, ao Naturalismo e ao positivismo da época.



SIMBOLISMO

- Predominância da emoção;
- O objeto deve estar subentendido, não se mostrando claramente ;
- Musicalidade (por meio de de aliterações, assonâncias e outras figuras de estilo);
- Referências a cores, principalmente à branca;
- Abordagem vaga de impressões subjetivas e/ou sensoriais, sobretudo na pintura.
- Presença de motivos religiosos; a poesia representaria uma espécie de ritual;
- Sonho, imaginação e espiritualismo;
- Subjetividade;
- Culto à forma, com influências parnasianas;
- Uso da figura de linguagem **sinestesia**, que representa a fusão de sensações (beijo amargo, cheiro azul), além de outras como personificação e metáfora.

E sons soturnos, suspiradas mágoas,
Mágoas amargas e melancolias,
No sussurro monótono das águas,
Noturnamente, entre remagens frias.

Vozes veladas, veludasas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
Tudo nas cordas dos violões ecoa
E vibra e se contorce no ar, convulso...
Tudo na noite, tudo clama e voa
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos
São ilhas de degredo atroz, funéreo,
Para onde vão, fatigadas no sonho,
Almas que se abismaram no mistério.

CRUZ E SOUSA. Violões que choram.

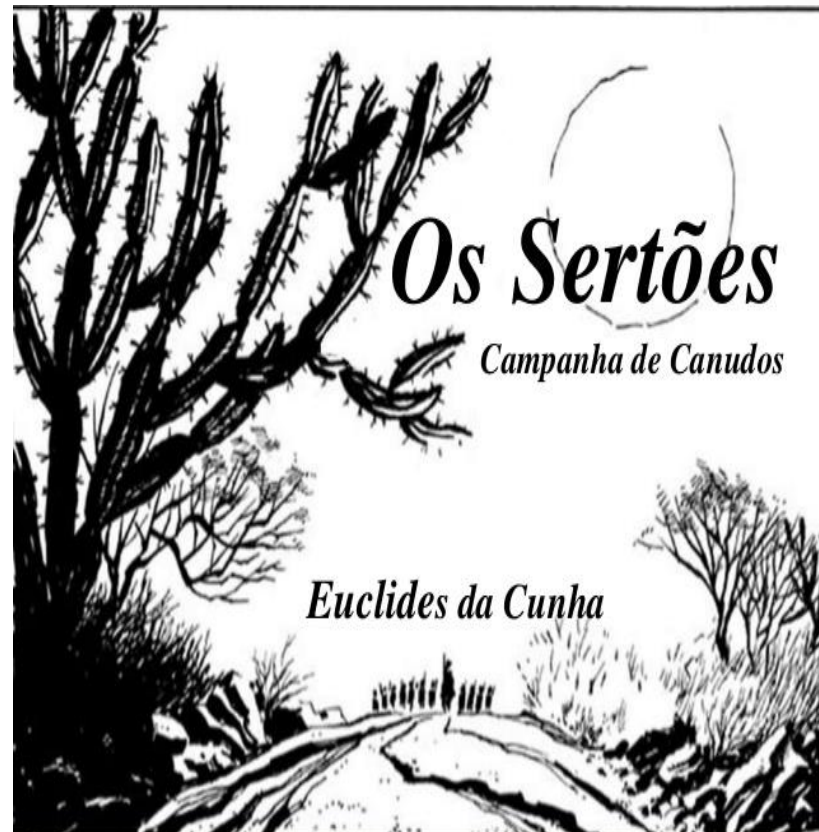
Pré-Modernismo

O **Pré-Modernismo** foi um período de intensa movimentação literária que marcou a transição entre o Simbolismo e o Modernismo e foi caracterizado pelas produções desde início do século até a Semana de Arte Moderna, em 1922.

Ruptura com o academicismo,
Ruptura com o passado e a linguagem parnasiana,
Linguagem coloquial, simples
Exposição da realidade social brasileira (o sertanejo, o caipira, o mulato),
Regionalismo e nacionalismo.

Pré-Modernismo

Euclides da Cunha publicou "**Os Sertões: Campanha de Canudos**" em 1902, obra regionalista, dividida em três partes: **A Terra, o Homem, A Luta**; retrata a vida do sertanejo e a Guerra de Canudos (1896-1897) no interior da Bahia.



Pré-Modernismo

Graça Aranha

Sua obra que merece destaque é "Canaã", publicada em 1902. Nela, aborda a migração alemã no estado do espírito Santo.

Canaã conta a história de **Milkau** e **Lentz**, dois jovens imigrantes alemães que se estabelecem em Porto do Cachoeiro, ES. Amigos e antagônicos ao mesmo tempo, Milkau é a integração e a paz, admirando o Novo Mundo, Lentz é a conquista e a guerra, pensando no dia que a Alemanha invadirá e conquistará aquela terra.

Pré-Modernismo

Lima Barreto

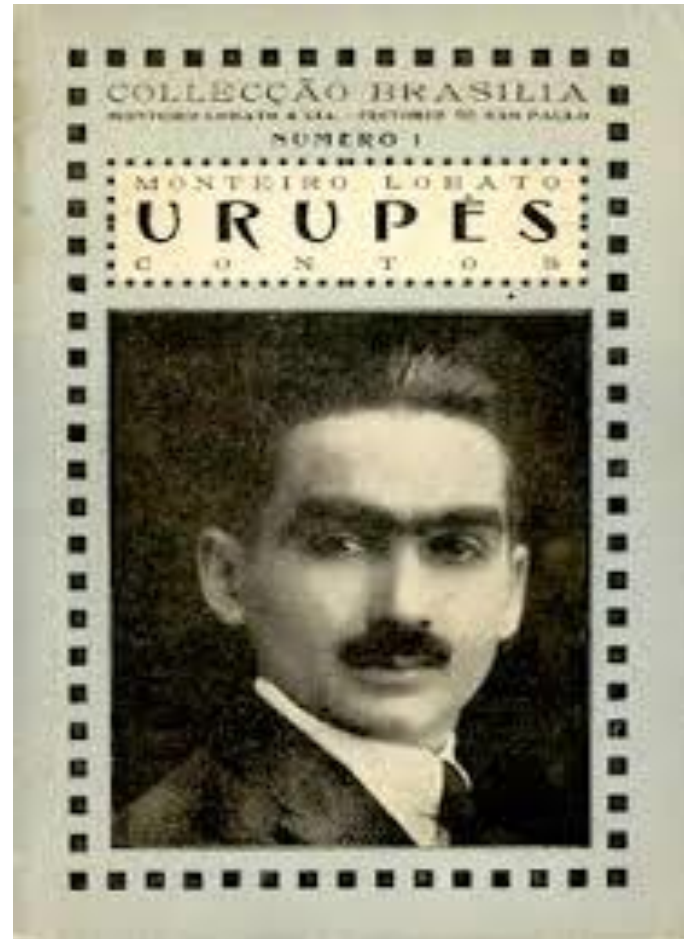
Sua obra que merece destaque é o "Triste Fim de Policarpo Quaresma" escrito numa linguagem coloquial, o autor faz crítica à sociedade urbana da época.



Pré-Modernismo

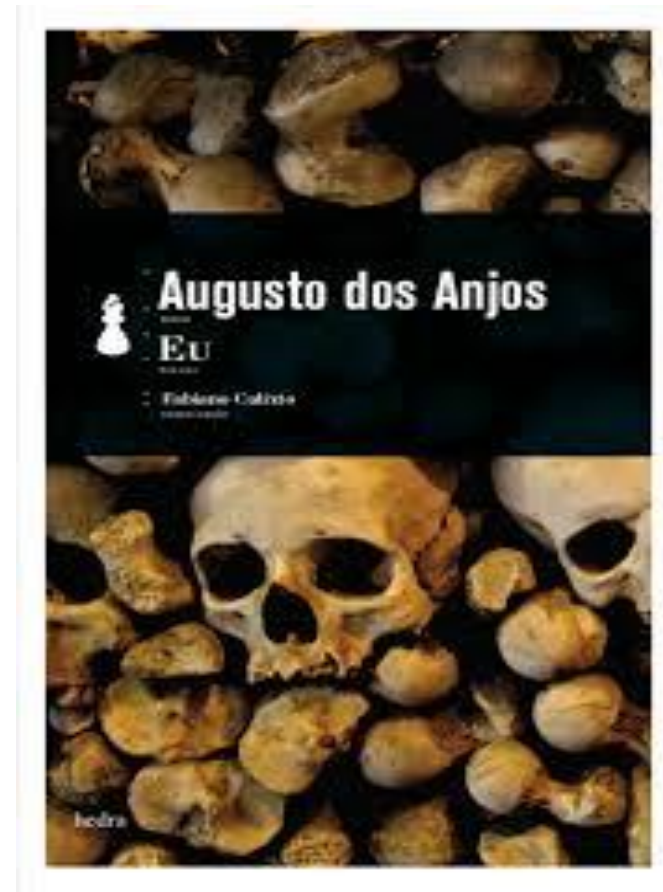
Monteiro Lobato

Em 1918, o autor publicou "Urupês", que é uma coletânea regionalista de contos e crônicas.



Pré-Modernismo

*Vês! Ninguém assistiu ao
formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta
pantera -
Foi tua companheira
inseparável!
Acostuma-te à lama que te
espera!
O Homem, que, nesta terra
miserável,
Mora, entre feras, sente
inevitável
Necessidade de também ser
fera. (...)*



Vanguardas europeias

Pablo Picasso

Les demoiselles d'Avignon

CUBISMO

As formas da natureza eram representadas por meio de figuras geométricas.

Na literatura, a linguagem era usada para retratar as palavras de forma simultânea.

Palavra-chave:

Fragmentação.



O **contexto histórico** é essencial para interpretar esta pintura. Neste momento, a Espanha vivia um conflito entre as forças Republicanas e os Nacionalistas, liderados pelo General Francisco Franco. Os Nacionalistas contaram com o apoio do exército Nazista e autorizaram os alemães a bombardearem **Guernica**, como forma de testarem novas armas e táticas de guerra, que viriam a ser usadas mais tarde na Segunda Guerra Mundial. (Pablo Picasso)



Vanguardas europeias

FUTURISMO

Surgido em 1909, com a publicação do Manifesto Futurista, de Filippo Tommaso Marinetti.

Buscava-se a exaltação da máquina e da tecnologia, retratando movimento. Palavra-chave: **Velocidade.**

Colagem de Carlo Carrá



Vanguardas europeias

DADAÍSMO

Também conhecido como **Movimento Dadá** nasce após o início da Primeira Guerra Mundial em 1916. Suas obras visuais e literárias baseavam-se no acaso, no caos, na desordem e em objetos de pouco valor, desconstruindo conceitos tradicionais. Palavra-chave **Irracionalidade.**

A fonte, de Marcel Duchamp.



Vanguardas europeias

EXPRESSIONISMO

O artista deforma a realidade com a intenção de explicitar sua subjetividade e a impressão que tem do mundo à sua volta, com cores fortes e traços deformados.

Palavra-chave:

Deformação

O Grito, de Edvard Munch.



Esta obra de arte revela alguém em desespero e se enquadra com o sentimento do artista, que durante a sua vida enfrentou vários problemas psicológicos e vários conflitos familiares. As formas distorcidas e a expressão do personagem revelam a dor e as dificuldades que a vida pode apresentar, causando um grito como forma de expressão desse sentimento.



A Semana de Arte Moderna de 1922.

No **centenário** da Independência do país, **ocorrida em 1822**, o Brasil passava por diversas modificações sociais, políticas e econômicas (**advento da industrialização, fim da Primeira Guerra Mundial**, etc.).

Surge a necessidade de recorrer a uma nova estética, e daí nasce a **"Semana de Arte Moderna"**, composta por artistas, escritores, músicos, pintores, que buscavam inovações estéticas e sobretudo, uma nova forma que rompesse com os parâmetros que vigoravam nas artes em geral.

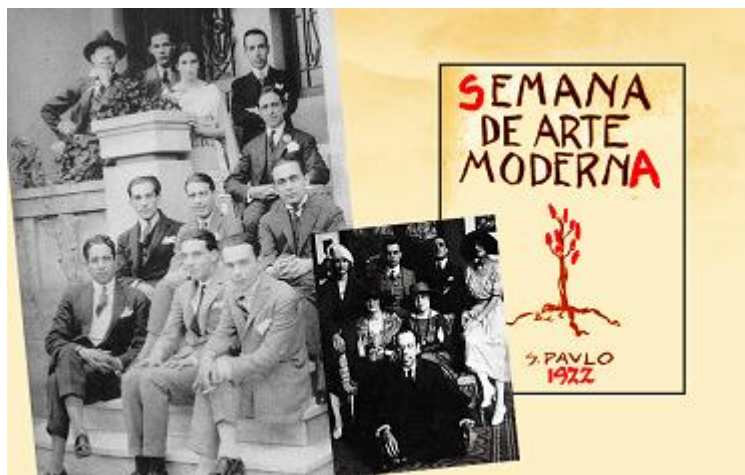


Foi assim que durante três dias (**13, 15 e 17 de fevereiro**) uma manifestação política que reunia jovens artistas irreverentes e contestadores, visava a renovação social e artística brasileira.

Inaugurada com a palestra do escritor, Graça Aranha intitulada “*A emoção estética da Arte Moderna*”, apresentações musicais e exposições artísticas.

No segundo dia, houve apresentação musical, palestra do escritor e artista plástico Menotti del Picchia e a leitura do poema “*Os Sapos*” de Manuel Bandeira, por Ronald Carvalho.

Por fim, a apresentação musical, com mistura de instrumentos, foi a exibida pelo carioca Villa Lobos.



Alguns artistas que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922:

Mário de Andrade (1893-1945)

Oswald de Andrade (1890-1954)

Graça Aranha (1868-1931)

Tarsila do Amaral (1886-1973)

Victor Brecheret (1894-1955)

Plínio Salgado (1895-1975)

Anita Malfatti (1889-1964)

Menotti Del Picchia (1892-1988)

Ronald de Carvalho (1893-1935)

Guilherme de Almeida (1890-1969)

Sérgio Milliet (1898-1966)

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)

Tácito de Almeida (1889-1940)

Di Cavalcanti (1897- 1976)



CONSEQUÊNCIAS

A crítica ao movimento foi severa, as pessoas ficaram desconfortáveis com tais apresentações e não conseguiram compreender a nova proposta de arte, de forma que os artistas foram comparados a doentes mentais e loucos.

Com isso, ficou claro que faltava uma preparação da população para a recepção de tais modelos artísticos. Abaixo, uma das pinturas de Anita Malfatti:



Monteiro Lobato



“O Moderno antimodernista?”

Num artigo publicado em **1917**, Monteiro Lobato reagiu assim à exposição de Anita Malfatti, no jornal **O Estado de São Paulo**:

"Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência fazem arte pura. (...) A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos da decadência(...)"
(in *Paranóia ou mistificação?*)

Uma vez que o intuito principal desses artistas era chocar o público e trazer à tona outras maneiras de sentir, ver e fruir a arte, as características desse momento foram:

Ausência de formalismo;

Ruptura com academicismo e tradicionalismo;

Crítica ao modelo parnasiano;

Influência das vanguardas artísticas europeias (Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo, Expressionismo);

Valorização da identidade e cultura brasileira;

Fusão de influências externas aos elementos brasileiros;

Experimentações estéticas;

Liberdade de expressão;

Aproximação da linguagem oral, com utilização da linguagem coloquial e vulgar;

Temáticas nacionalistas e cotidianas.

Os sapos

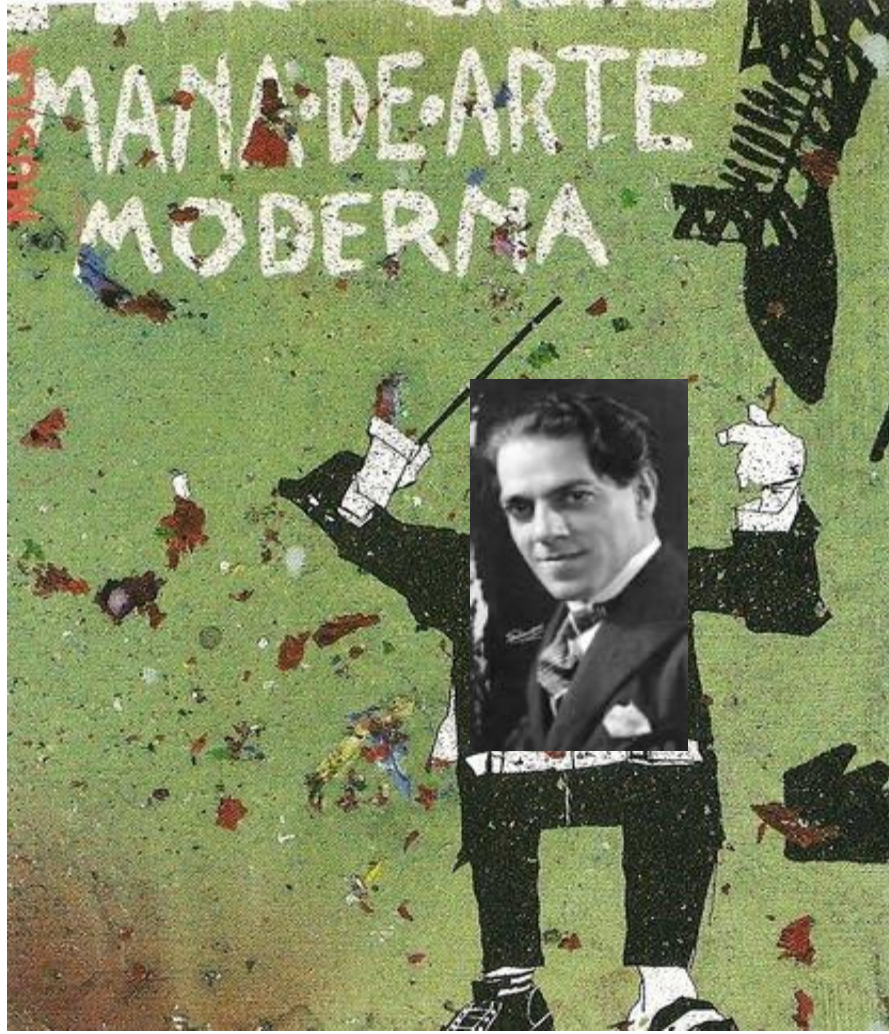
Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"
O sapo-tanoeiro,

Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancionero
É bem martelado.
Vede como primo
Em comer os hiatos! (...)



Manuel Bandeira



1ª Fase do Modernismo (de 1922 a 1930)

Conhecida como fase de **Destruição**

Oswald de Andrade (1890-1954) foi escritor e dramaturgo brasileiro. Representa uma das principais lideranças no processo de implantação e definição da **literatura modernista no Brasil**



Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor
dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.



O **Movimento do Pau-Brasil (1924)** é um movimento nativista, que defendia a poesia brasileira de exportação. Tal como o pau-brasil foi o primeiro produto brasileiro a ser exportado, Oswald de Andrade desejava que a poesia brasileira se tornasse um produto cultural de exportação; daí a escolha do nome do movimento.

Oswald de Andrade foi figura ímpar da cultura brasileira. Sua ideia de antropofagia cultural influenciou vanguardas e intelectuais na segunda metade do século passado.

O manifesto Antropófago foi lido por ele pela primeira vez na casa de seu amigo Mário de Andrade. Nele, Oswald propõe que somente será possível a criação de uma arte genuinamente brasileira quando o nosso povo mestiço apropria-se (*deglute*) a arte europeia e produz uma arte completamente nova.

MANIFESTO ANTROPÓFAGO (1928)

Só a Antropofagia nos une. Socialmente.
Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

“Tupi, or not tupi, that is the question”.



Esta obra (Abaporu) marca a fase **antropofágica** da pintora **Tarsila de Amaral** que ocorreu entre 1928 e 1930. Na pintura vemos um homem com grandes pés e mãos, e ainda o sol e um cacto. Estes elementos podem representar o trabalho físico que era o trabalho da maioria naquela altura. Por outro lado, **a cabeça pequena** pode significar a falta de pensamento crítico, que se limita a trabalhar com força mas sem pensar muito, sendo então uma possível crítica para a sociedade daquela época. O homem representado transmite uma **certa melancolia**, pois o posicionamento da cabeça e expressão denotam alguma tristeza ou depressão. Além disso, **o pé grande** também pode revelar uma forte conexão do ser humano com a terra



Mário de Andrade

Mário de Andrade é um dos nomes mais importantes do **Modernismo Brasileiro**. Ao lado de Oswald de Andrade e **Manuel Bandeira** compôs a célebre tríade modernista, que revolucionou o jeito de fazer poesia no Brasil.

Moça Linda Bem Tratada

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.
Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coió.



Quarenta Anos

A vida é para mim, está se vendo,
Uma felicidade sem repouso;
Eu nem sei mais se gozo, pois que o gozo
Só pode ser medido em se sofrendo.
Bem sei que tudo é engano, mas sabendo
Disso, persisto em me enganar... Eu ousou
Dizer que a vida foi o bem precioso
Que eu adorei. Foi meu pecado... Horrendo
Seria, agora que a velhice avança,
Que me sinto completo e além da sorte,
Me agarrar a esta vida fementida.
Vou fazer do meu fim minha esperança,
Oh sono, vem!... Que eu quero amar a morte
Com o mesmo engano com que amei a vida.



Mário de Andrade escreveu:

Há uma gota de sangue em cada poema (1917)

Seu primeiro livro de poemas feito sob o impacto da Primeira Guerra, apresenta poucas novidades estilísticas.

Pauliceia desvairada (1922)

A obra não tem um roteiro, um enredo. É um livro de poesias. A temática, a musa das poesias, é a cidade de São Paulo, e tudo o que é inerente a cidade.

Amar, verbo intransitivo (1927)

Conta a passagem de uma suposta professora de Alemão à casa da família Sousa – uma família católica, mas cheia de mistérios e contradições

Macunaíma (1928)

História de um índio negro da Amazônia, que quando nasceu demorou a falar; e quando finalmente o fez, proferiu a seguinte frase: “Ai que preguiça”

Contos Novos (1946)

Reúne nove narrativas curtas que foram compostas ao longo da vida do autor, mas só vieram a ser publicadas após sua morte

MANUEL BANDEIRA

Consoada

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.



Porquinho-da-Índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração eu tinha
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos,
Ele não se importava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.



Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa, – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e o dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Modernismo – 2ª Fase

A **segunda geração modernista** ou **segunda fase do modernismo** representa o segundo momento do movimento modernista no Brasil que se estende de 1930 a 1945.

Chamada de “**Geração de 30**”, essa fase foi marcada pela consolidação dos ideais modernistas, apresentados na Semana de 1922. Lembre-se que esse evento marcou o início do Modernismo rompendo com a arte tradicional.

A publicação “*Alguma Poesia*” (1930) de Carlos Drummond de Andrade marcou o início da intensa produção literária poética desse período.

Na prosa, temos a publicação do romance regionalista “*A Bagaceira*” (1928) do escritor José Américo de Almeida.

Também chamada de “**Fase de Consolidação**”, a literatura brasileira estava vivendo uma fase de maturação, com a concretização e afirmação dos novos valores modernos.

Poesia de 30

O melhor momento da poesia brasileira aconteceu na segunda fase do Modernismo.

Ela se caracteriza pela abrangência temática em virtude da racionalidade e questionamentos que norteavam o espírito dessa geração. Esse momento ficou conhecido com a Poesia de 30.

Contexto Histórico

A segunda fase do modernismo no Brasil surgiu num contexto conturbado. Após **a crise de 1929** em Nova York, (**depressão econômica**) muitos países estavam mergulhados numa crise econômica, social e política.

Isso fez surgir diversos **governos totalitários e ditatoriais na Europa**, os quais levariam ao início da **Segunda Guerra Mundial** (1939-1945).

Além do aumento do desemprego, a falência de fábricas, a fome e miséria no Brasil, a Revolução de 30 representou um golpe de estado. O presidente da República Washington Luís foi deposto, impedindo assim, a posse do presidente eleito Júlio Prestes.

Foi o **início da Era Vargas** e o fim das Oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, denominado de "política do café com leite". Com a chegada de Getúlio ao poder, **a ditadura no país** também se aproximava com o Estado Novo (1937-1945).

Características

As principais características dessa fase foram:

Influência do Realismo e Romantismo;

Nacionalismo, universalismo e regionalismo;

Realidade social, cultural e econômica;

Valorização da cultura brasileira;

Influência da psicanálise de Freud;

Temática cotidiana e linguagem coloquial;

Uso de versos livres e brancos.

Principais Autores e Obras

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) foi, sem dúvida, um dos maiores representantes sendo o precursor da poesia de 30, com a publicação de "*Alguma Poesia*", em 1930.

Cecília Meireles (1901-1964), com forte influência da psicanálise e da temática social, é considerada uma das maiores poetisas brasileiras. Desse período destaca-se as obras: "*Batuque, samba e Macumba*" (1933), "*A Festa das Letras*" (1937) e "*Viagem*" (1939).

Mário Quintana (1906-1994), chamado de "poeta das coisas simples", possui uma vasta obra poética. Desse período merece destaque seu livro de sonetos intitulado "*A Rua dos Cataventos*", publicado em 1940.

Murilo Mendes (1901-1975), além de poeta foi destaque na prosa de 30. Atuou como divulgador das ideias modernistas na revista criada na primeira fase modernista "*Antropofagia*". De sua obra poética merece destaque: "*Poemas*" (1930), "*Bumba-Meu-Poeta*" (1930), "*Poesia em Pânico*" (1938) e "*O Visionário*" (1941).

Jorge de Lima (1893-1953), chamado de "príncipe dos poetas", foi escritor e artista plástico. Na poesia de 30 colaborou com as obras "*Poemas*" (1927), "*Novos Poemas*" (1929) e "*O Acendedor de Lampiões*" (1932).

Vinícius de Moraes (1913-1980) foi outro grande destaque da poesia de 30. Compositor, diplomata, dramaturgo e poeta, publica em 1933 seu primeiro livro de poemas "*Caminho para a Distância*" e, em 1936, seu longo poema "*Ariana, a mulher*".

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta
meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.(...)



No Meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José? (...)

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili,
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Para Sempre

Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?

Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba,
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.

Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.

Mãe, na sua graça,
é eternidade.

Por que Deus se lembra
— mistério profundo —
de tirá-la um dia?

Fosse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei:

Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

Cecília Meireles (1901-1964)

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.



Murilo Mendes (1901-1975)

Poema Espiritual

Eu me sinto um fragmento de Deus
Como sou um resto de raiz
Um pouco de água dos mares
O braço desgarrado de uma constelação.
A matéria pensa por ordem de Deus,
Transforma-se e evolui por ordem de Deus.
A matéria variada e bela
É uma das formas visíveis do invisível.
Cristo, dos filhos do homem és o perfeito.
Na Igreja há pernas, seios, ventres e cabelos
Em toda parte, até nos altares.
Há grandes forças de matéria na terra no mar e no ar
Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
Mil versões dos pensamentos divinos.
A matéria é forte e absoluta
Sem ela não há poesia.



Jorge de Lima (1893-1953)

Essa Negra Fulô (trecho do poema)

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.
Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!
Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!
Essa negra Fulô!
Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
pra vigiar a Sinhá,
pra engomar pro Sinhô!



Mário Quintana (1906-1994)

A Rua dos Cataventos

Da vez primeira em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.

Hoje, dos meu cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada.
Arde um toco de Vela amarelada,
Como único bem que me ficou.

Vinde! Corvos, chacais, ladrões de estrada!
Pois dessa mão avaramente adunca
Não haverão de arrancar a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz trêmula e triste como um ai,
A luz de um morto não se apaga nunca!



Vinicius de Moraes (1913-1980)

Foi um poeta, dramaturgo, escritor, compositor e diplomata brasileiro.

É autor de “*Soneto de Fidelidade*”, uma das mais importantes obras da literatura Brasileira, da peça “*Orfeu da Conceição*”, e ainda, um dos precursores da Bossa Nova no Brasil.



Soneto de Fidelidade

*De tudo, ao meu amor serei atento antes
E com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento*

*E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure*

Vinícius de Moraes



Em 1970, inicia a parceria com o cantor Toquinho, uma das mais conhecidas.

Juntos, lançam as conhecidas “*São Demais os Perigos dessa Vida*” e “*Eu Sei que Vou te Amar*”, em 1972.

Permanece em parceria com Toquinho nos anos seguintes. Juntos, atuam na produção da trilha sonora de novelas da Globo, como “*O Bem Amado*”, e passa a trabalhar com Edu Lobo.

O Pato

*Lá vem o pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o pato
Para ver o que é que há.
O pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo
Comeu um pedaço
De jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi pra panela.*

Prosa de 30

Nessa fase, o grande foco da prosa de ficção foram os romances regionalistas e urbanos.

Preocupados com os problemas sociais, a prosa dessa fase se aproximou da linguagem coloquial e regional. Assim, ela mostrou a realidade de diversos locais do país, ora no campo, ora na cidade.

Principais Autores e Obras

José Américo de Almeida (1887-1980) é o autor do romance regionalista “*A Bagaceira*” (1928), marco inicial da prosa de 30. Nessa obra, ele relata o tema da seca e da vida de retirantes.

Graciliano Ramos (1892-1953) se destacou na prosa regionalista com seu romance “Vidas Secas” (1938). Nele, aborda diversos aspectos do sertanejo e problemas como a seca do Nordeste, a fome e a miséria dos retirantes.

Jorge Amado (1912-2001) foi importante no desenvolvimento da prosa regionalista e urbana, com seus romances:

“*O País do Carnaval*” (1931): relata a vida de um intelectual brasileiro e suas considerações sobre o Carnaval e o tema da mestiçagem.

“*Cacau*” (1933): ambientados na fazenda de cacau no sul da Bahia, relata a vida e exploração dos trabalhadores.

“Capitães de Areia” (1937): romance urbano que retrata a vida de meninos abandonados em Salvador.

Rachel de Queiroz (1910-2003) publica em 1930 seu romance intitulado “O Quinze” em que aborda sobre uma das maiores secas que assolou o Nordeste em 1915.

José Lins do Rego (1901-1957) publica em 1932 seu romance “*Menino de Engenho*”. Ambientada nos engenhos nordestinos, aborda a temática do ciclo de açúcar no Brasil.

A **terceira geração modernista**, **terceira fase do Modernismo** ou **fase pós-modernista** representa o último momento do movimento modernista no Brasil. Também chamada de “**Geração de 45**”, a última fase do Modernismo começa em 1945 e se estende até 1980.

Alguns estudiosos preferem apontar o fim do modernismo na década de 1960. Outros, ainda, afirmam que o modernismo está presente até os dias atuais.

Contexto Histórico

O momento em que surge a terceira geração modernista no Brasil, é o período menos conturbado em relação às outras duas gerações.

Ou seja, é a fase de redemocratização do país, visto que em 1945 termina o Estado Novo (1937-1945) que fora implementado pela ditadura de Getúlio Vargas.

Em nível mundial, o ano de 1945 é também o fim da Segunda Guerra Mundial e do sistema totalitário do Nazismo. Entretanto, tem início a Guerra Fria (Estados Unidos e União Soviética) e a Corrida Armamentista.

Os principais autores e obras dessa fase são:

João Cabral de Melo Neto (1920-1999): conhecido como “poeta engenheiro”, João se destacou na prosa e na poesia pelo rigor estético apresentado em suas obras: "*Pedra do Sono*" (1942), "*O Engenheiro*" (1945) e "*Morte e Vida Severina*" (1955).

Clarice Lispector (1920-1977): se destacou na prosa e na poesia com um caráter lírico e intimista: "*Perto do Coração Selvagem*" (1947), "*A Cidade Sitiada*" (1949), "*A Paixão Segundo GH*" (1964), "*A Hora da Estrela*" (1977).

João Guimarães Rosa (1908-1967): foi um dos maiores poetas do Brasil, sendo que a maioria de suas obras são ambientadas no sertão. Destacam-se "*Sagarana*" (1946), "*Corpo de Baile*" (1956), "*Grande Sertão: Veredas*" (1956), "*Primeiras Estórias*" (1962)

Ariano Suassuna (1927-2014): Defensor da cultura popular brasileira, Suassuna escreveu romances, peças de teatro e poesias dos quais se destacam: "*Os homens de barro*" (1949), "*Auto de João da Cruz*" (1950), "*O Rico Avarento*" (1954) e "*O Auto da Compadecida*" (1955).

Lygia Fagundes Telles (1923-): escreveu romances, contos e poesias sendo uma de suas marcas a exploração psicológica das personagens em sua obra: "*Ciranda de Pedra*" (1954), "*Verão no Aquário*" (1964), "*Antes do Baile Verde*" (1970), "*As Meninas*" (1973)

O Engenheiro

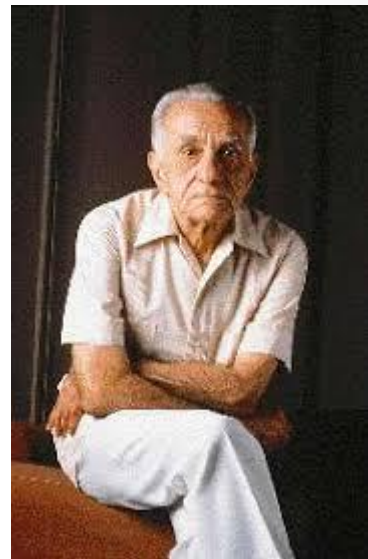
A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
Superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro).

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples.

João Cabral de Melo Neto



Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Morte e vida severina.

Na abertura da peça, o retirante Severino se apresenta à plateia e se dispõe a narrar sua trajetória. Sai do sertão nordestino em direção ao litoral, em busca da vida que escasseava em sua terra. Ao longo do caminho, mantém uma série de encontros com tipos nordestinos. Logo de saída encontra os irmãos das almas, lavradores encarregados de conduzir a um cemitério distante o corpo de um colega, assassinado a mando de latifundiários. Aos poucos, assiste à seca do rio Capiberibe, que Severino segue em sua viagem ao litoral. Passa por um lugarejo e ouve uma cantoria vinda de uma casa. Trata-se do canto de excelências, isto é, fúnebre, em honra a outro Severino morto.

Grande sertão veredas, de João Guimarães Rosa



Durante a primeira parte da obra, o narrador em primeira pessoa, Riobaldo, faz um relato de fatos diversos e aparentemente desconexos entre si, que versam sobre suas inquietações sobre a vida. Os temas giram em torno das clássicas questões filosóficas ocidentais, tais como a origem do homem, reflexões sobre a vida, o bem e o mal, deus e o diabo. Porém, Riobaldo não consegue organizar suas ideias e expressá-las de modo satisfatório, o que gera um relato bastante caótico. Até que em certo ponto aparece Quelemém de Góis, que o ajuda em parte, e Riobaldo dá início à narrativa propriamente dita.

A produção escrita de Guimarães Rosa se caracteriza por dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, pela tendência a conferir tratamento universal a temas de ambientação regional, quase sempre ligados ao interior de Minas Gerais. Em segundo lugar, pela linguagem inventiva elaborada pelo escritor, e que se tornou sua marca registrada.

A marca regionalista é evidente em *Sagarana*: as histórias se passam todas no interior de Minas Gerais. Além disso, há muito da cultura mineira na transmissão oral das histórias, veiculadas por contadores de *causos*, como ocorre entre os vaqueiros de “O burrinho pedrês” e os animais de “Conversa de bois”. Isso sem contar os assuntos abordados, que atendem ao gosto das histórias populares: violência, traição, mistério etc. Muitas vezes, a cultura urbana e civilizada de alguns narradores em primeira pessoa (“Minha gente”, “São Marcos” e “Corpo fechado”) é colocada em xeque, encurralada pela sabedoria sertaneja, mais competente para lidar com os fatos inexplicáveis que se sucedem nas tramas.

Clarice Lispector

O objetivo de Clarice, em suas obras, é o de atingir as regiões mais profundas da mente das personagens para aí sondar complexos mecanismos psicológicos. É essa procura que determina as características específicas de seu estilo.

O enredo tem importância secundária. As ações - quando ocorrem - destinam-se a ilustrar características psicológicas das personagens. São comuns em Clarice histórias sem começo, meio ou fim. Por isso, ela se dizia, mais que uma escritora, uma "sentidora", porque registrava em palavras aquilo que sentia. Mais que histórias, seus livros apresentam impressões.



LISTA COMPLETA

1. Iracema, José de Alencar
2. Memórias póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis
3. O cortiço, Aluísio Azevedo
4. A cidade e as serras, Eça de Queirós
5. Minha vida de menina, Helena Morley
6. Vidas secas, Graciliano Ramos
7. Claro enigma, Carlos Drummond de Andrade
8. Sagarana, João Guimarães Rosa
9. Mayombe, Pepetel

A **poesia concreta** (ou poema concreto) tem início com o movimento de vanguarda concretista no século XX, na Europa.

No Brasil ele despontou em meados da década de 50, mais precisamente em São Paulo na “*Exposição Nacional de Arte Concreta*”, ocorrida no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1956.

No país, o concretismo foi fundado por Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos (ou "irmãos Campos"), grupo chamado de “Noigandres”. Mais tarde eles produziram a revista literária que levava o nome do grupo.

O Manifesto da Poesia Concreta foi publicado em 1956 pelos poetas paulistas no qual apresenta algumas características da nova estrutura poética vanguardista:

“A poesia concreta começa por assumir uma responsabilidade total perante a linguagem: aceitando o pressuposto do idioma histórico como núcleo indispensável de comunicação, recusa-se a absorver as palavras com meros veículos indiferentes, sem vida sem personalidade sem história - túmulos-tabu com que a convenção insiste em sepultar a idéia. O poeta concreto não volta a face às palavras, não lhes lança olhares oblíquos: vai direto ao seu centro, para viver e vivificar a sua facticidade.”

Características

As principais características da poesia concreta são:

Uso da linguagem verbal e não-verbal

Experimentalismo poético

Poesia visual

Efeitos gráficos, sonoros e semânticos

Aspectos geométricos

Supressão do verso e estrofe

Desaparecimento do eu-lírico

Eliminação da poesia intimista

Racionalismo

verde verde verde

verde verde verde

verde verde verde

verde verde verde erva

(Ferreira Gullar)

SEJA O QUE FOR
 QUE SEJA O QUE
 FOR QUE SEJA O
 QUE FOR QUE SEJA
 O QUE FOR QUE
 SEJA O QUE FOR

(Arnaldo Antunes)

se
 nasce
 morre nasce
 morre nasce morre
 renasce remorre renasce
 remorre renasce
 remorre
 re
 desnasce
 desmorre desnasce
 desmorre desmorre desnasce
 nascemorrenasce
 morrenasce
 morre
 se

(Haroldo de Campos)

COCA-COLA

B E B A C O C A C O L A

B A B E C O L A

B E B A C O C A

B A B E C O L A C A C O

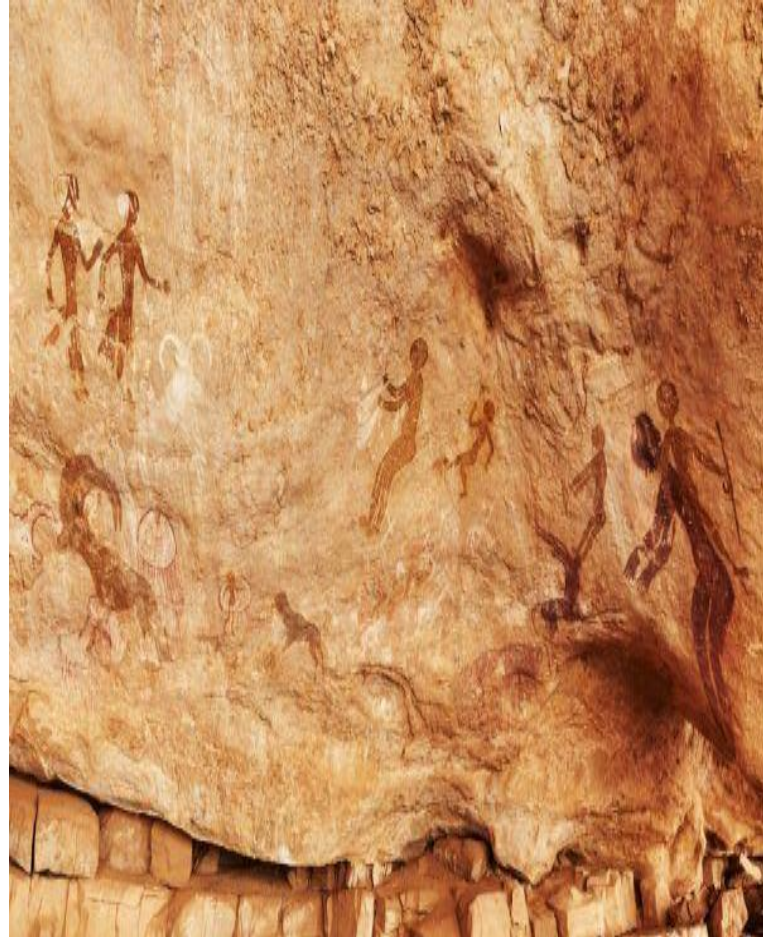
C A C O

C O L A

C L O A C A

(Décio Pignatari)

ARTE RUPESTRE



ARTE NAS CERÂMICAS



ARTE PINTURA CORPORAL



DESCOBRIMENTO

ÓTICA EUROPEIA



DESCOBRIMENTO

ÓTICA EUROPEIA



DESCOBRIMENTO

ÓTICA EUROPEIA



ARTE BARROCA



ARTE BARROCA



ARTE BARROCA



Batalha de Avaí, 1872-1877.



Moema, de Victor Meirelles, 1866.



Caipira picando fumo, de Almeida Júnior, 1893.



O japonês, de Anita Malfati, 1915-1916.



A boba, de Anita Malfati, 1917.



A negra, de Tarsila do Amaral, 1923.



Abaporu, de Tarsila do Amaral, 1928.



Antropofagia, de Tarsila do Amaral, 1929



Operários, de Tarsila do Amaral, 1933



Retirantes, de Cândido Portinari, 1944.



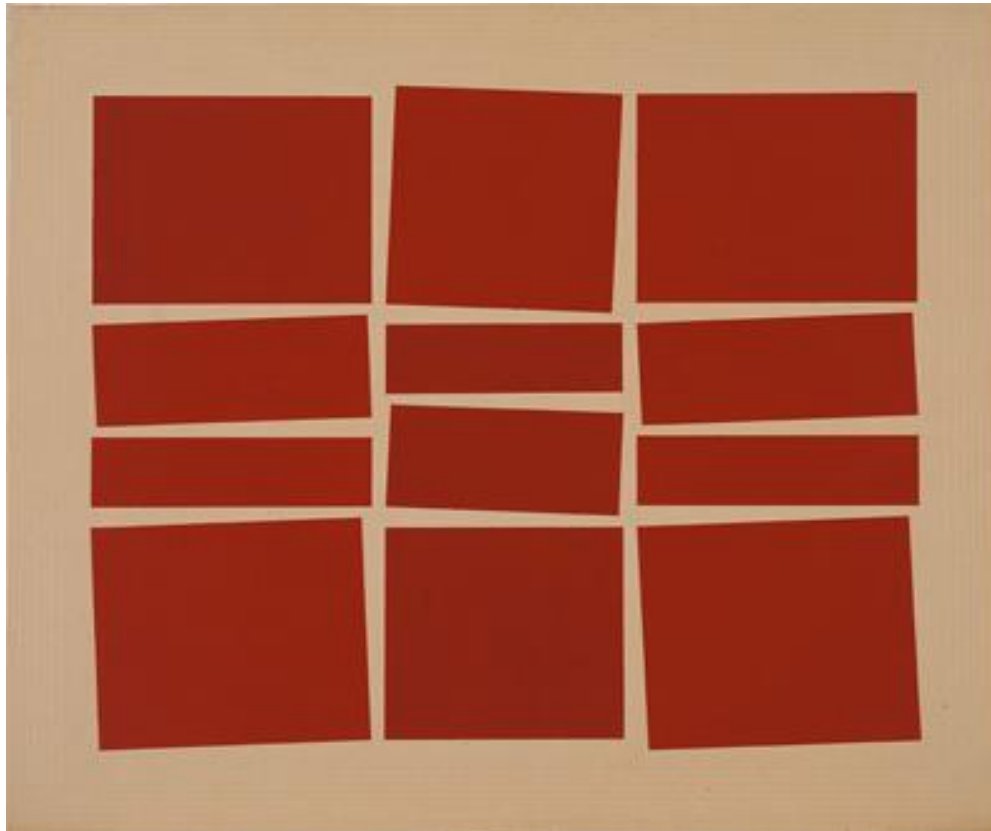
Criança morta, de Cândido Portinari, 1944.



NEOCONCRETISMO



NEOCONCRETISMO



NEOCONCRETISMO

